

FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

DEMÓCRITO COMO PENSADOR DE TRANSIÇÃO

Linha de pesquisa: Ética

Projeto Vinculado: *Nilismo e experiência religiosa*

Orientador: Prof. Dr. Marco Heleno Barreto
Orientando: Andreza Cristina Damasceno Barbosa

07/06/2019

INTRODUÇÃO: Embora Demócrito seja contemporâneo a Sócrates, seus fragmentos são encontrados nos livros dos *pré-socráticos*. Aborda-se Demócrito no primeiro período da filosofia grega porque ele se encaixa no modo de pensar naturalista, uma vez que o filósofo de Abdera pretende compreender a ordem subjacente ao mundo através de um princípio ordenador: o átomo. O fundamento da teoria atomista tem base nos princípios naturais e caracterizam Demócrito como filósofo da *physis*. Todavia, mesmo que a reflexão acerca da *arché* primordial seja a ideia diretriz do pensamento do filósofo de Abdera, sua reflexão também abarca elementos de ordem ética, antropológica e psicológica. Logo, a amplitude dos temas tratados nos fragmentos de Demócrito nos permite conferir a ele o estatuto de “filósofo da transição”. Transição entre o modo de filosofar físico (pré-socráticos), e o modo de filosofar psicológico (problema da alma socrático). Portanto, tanto do ponto de vista cronológico, quanto do ponto de vista teórico, Demócrito está inserido no movimento de internalização da virtude na alma, inaugurado por Sócrates.

A análise dos pontos em comum entre os primeiros filósofos e Demócrito nos leva a denominá-lo como filósofo pré-socrático. Entretanto, também é possível observarmos os pontos em que o filósofo de Abdera se distancia da reflexão estritamente naturalista e mecanicista e deixa transparecer a influência da reflexão humanista-antropológica em sua teoria atomista. A formulação da teoria cosmológica democritiana concede a abertura para a reflexão sobre a alma e sobre seu movimento nos corpos, mas Demócrito vai além de uma concepção materialista e mecanicista de alma ao definir as atividades da alma como sendo a capacidade de sensitiva e intelectual.

A reflexão sobre as atividades da alma e sua influência no agir humano levanta a problemática da liberdade humana, uma vez que o movimento mecânico dos átomos-alma anularia a possibilidade de um agir livre e racional. Pensar a liberdade humana em meio à concepção de um mundo mecanicista e determinado é um dos problemas que se levanta ao abordarmos Demócrito como filósofo de transição.

Os filósofos pré-socráticos, ou filósofos da *Physis*, construíram seus pensamentos através de três princípios fundamentais: cosmológico, lógico e divino. A articulação desses três princípios desemboca numa concepção de mundo eterno, regido pela necessidade e sempre o mesmo. Demócrito, no entanto, questiona esses princípios

e os reformula em sua teoria. A reformulação dos princípios que engendram a realidade permite Demócrito refletir sobre a necessidade do mundo de um modo distinto. A concepção de mundo regido pela necessidade é pensada através da articulação dos elementos lógicos da perspectiva estática dos eleatas e de Pitágoras, com o princípio cosmológico da perspectiva heraclitiana: o movimento. Demócrito abandona o princípio divino como estruturante de sua teoria atomista. O abandono do princípio divino na formulação de sua teoria física não significa a negação da existência dos deuses, “mas ele [Demócrito] se recusa a atribuir-lhes responsabilidade nos acontecimentos físicos” (PEIXOTO, 2007, p.35). Logo, a necessidade presente na teoria atomista não se apresenta como um elemento imprescindível e determinante de tudo o que é, mas como um elemento essencial na constituição da realidade tal como ela se apresenta para nós.

O elemento da liberdade não aparece explicitamente no pensamento dos filósofos da *physis*. A filosofia pré-socrática é marcada pela tentativa de descrever a natureza através do raciocínio lógico. Contudo, a investigação da natureza como objeto da filosofia pré-socrática não compromete a preocupação dos filósofos com o agir do homem e suas consequências. Logo, a liberdade do homem está pressuposta seja na filosofia pré-socrática, na denominação ampla, seja na filosofia atomista, numa denominação mais restrita.

Refletir sobre a ética implica a reflexão antropológica, uma vez que o agir ético é um agir operado pelo homem. Para Demócrito, o homem é pensado como uma unidade constituída pelo átomo e pelo vazio, assim como o cosmo. A harmonia do cosmo é a mesma harmonia do homem, como evidenciado em DK 68 B 34: “o homem um microcosmo”. Os elementos que constituem o homem e o cosmo são princípios infinitos e múltiplos, o que nos leva a pensar a unidade do homem e do cosmo como identidade na diferença. A antropologia pré-socrática é pensada dentro desse contexto como antropogonia: o momento do processo cosmogônico que permite o homem formar-se enquanto tal, por meio do movimento contínuo dos átomos e dos átomos-alma na estrutura humana.

A lógica da teoria atomista justifica as mudanças físicas e materiais que observamos na natureza. Entretanto, que princípios justificariam os vários modos de agir do homem na natureza e na sociedade e, por conseguinte, sua liberdade? Para o filósofo de Abdera o agir do homem no *ethos* é a liberdade humana de produzir natureza

e de deliberar na sociedade através da harmonia entre as atividades da alma (sentir e inteligir) e sua dimensão psicológica (paixões, desejos, impulsões). A harmonia entre os sentidos e o inteligir humano, alcançada através do discernimento (*phronesis*), eleva o homem ao estado de felicidade (*eudaimonia*) e bom ânimo (*euthumia*). O homem imprime na natureza seus feitos e, assim, se insere no mundo natural social.

Devemos nos lembrar de que há uma corrente defensora da filosofia pré-socrática como uma filosofia de ordem especificamente cosmológica. Contudo, aqui nos servimos de fontes que consideram a reflexão cosmológica como reflexão da totalidade cósmica, sendo que o homem se encontra como integrante desse cosmo (cf. PEIXOTO, 2002, p.313-14). Logo, mesmo que de modo indireto, a reflexão sobre as questões humanas encontra-se presente no pensamento pré-socrático. De modo especial em Demócrito, posto que contemporâneo de Sócrates e de seu pensamento antropológico.

Para compreendermos melhor ambos os posicionamentos, demonstraremos a física de Demócrito e sua concepção de alma. Por último, iremos nos ater aos fragmentos éticos e concluir que sim, podemos refletir sobre a liberdade do homem e sobre a ética de Demócrito, não como uma ciência sistemicamente articulada com sua teoria atômica, mas sim como movimento de coparticipação ao pensamento de sua época.

CAPÍTULO I – A FÍSICA

Demócrito fundamenta sua teoria a partir de Leucipo. Leucipo e Demócrito partilham do mesmo pensamento racional que originou a teoria atomista para descrever a realidade tal como a conhecemos. Isto é, uma teoria que não “aboliria o nascer ou a morte ou o movimento ou a multiplicidade das coisas” (ARISTÓTELES, A 8, 325 a 2), no intuito de “descobrir e tornar evidente a natureza movente dos átomos e a estrutura dos compostos atômicos em sua predisposição à mudança” (PEIXOTO, 2010, p. 427).

O fundamento da teoria atomista assenta-se na duplicidade e pluralidade dos princípios. Para Demócrito, o cosmos é estruturado pelo átomo e pelo vazio. O átomo é realidade material sólida, indissociável e marcado pela densidade. O vazio é a condição de possibilidade da concepção das coisas materiais no espaço e não possui densidade. O vazio é realidade fundamental (existe tanto quanto o átomo) e possibilita o movimento dos átomos no infinito. A realidade, portanto, é constituída pela pluralidade do duplo

princípio: o átomo e o vazio. Para postular esse duplo princípio Demócrito partiu da teoria de Parmênides e de Heráclito. Parmênides estava correto, a seu ver, quanto à existência do cheio e do vazio. Mas a estaticidade eleata não correspondia às causas materiais.

A ideia pitagórica de que o real é uma estrutura composta por números é aceita por Demócrito. Contudo, ele percebe que entre os números (as figuras matemáticas) e o mundo natural há um espaço (GUTHRIE, 1967, p.343) e a harmonia numérica não rege o cosmo. O espaço entre as figuras matemáticas e o mundo natural é a ilustração da falha percebida por Demócrito na teoria de Pitágoras. As figuras matemáticas compostas pelos números estão presentes na lógica dos átomos, ou seja, nas diferenças presentes em sua estrutura. Mas essas figuras não traduzem a realidade como ela é, pois, a realidade está em constante movimento e, portanto, em constante mudança. Sendo assim, a harmonia pensada por Pitágoras se apresenta como não-harmônica, uma vez que a ordem subjacente ao mundo é tida através da desordem, ou turbilhão cosmogônico.

Através dos movimentos dos átomos no vazio surgem os corpos simples e, deles, os corpos compostos. Os corpos simples e os corpos compostos são a variedade de organismos existentes na realidade mundana. Isto é, o ar, o fogo, a terra, a água, as bactérias, as árvores, os animais, os corpos celestes, os seres humanos, etc. O átomo é a causa material das coisas existentes e o vazio é condição de possibilidade do movimento dos átomos. Os átomos se movimentam no vazio e através de seus movimentos eles se unem em arranjos e formam os corpos simples e os corpos compostos. Os movimentos dos átomos no vazio também ocasionam a desagregação dos arranjos atômicos. As várias possibilidades de união e desagregação dos múltiplos átomos no vazio possibilitam as contingências do real.

Os átomos dispõem-se separadamente no vazio, sua pluralidade e movimento são as causas das mudanças materiais. Essas mudanças ocorrem de modo mecânico, uma vez que o movimento dos átomos no vazio é um movimento necessário e determinado pela natureza do átomo. A compreensão da natureza movente dos átomos se justifica através do exercício do átomo no vazio. O exercício dos átomos no vazio é marcado pelo operar das diferenças atômicas. As diferenças presentes nos átomos são a forma (*rhusmos*), a ordem (*diathigê*) e a posição (*trope*).

Para Demócrito, os princípios são infinitos e as diferenças dos átomos constituem-se em números. As diferenças dos átomos podem ser divididas em duas categorias: as diferenças intrínsecas e as diferenças extrínsecas. O *rhusmos* é a diferença intrínseca do átomo. *Diathigê* e *trope* são as diferenças extrínsecas ao átomo. A diferença mais importante é o *rhusmos*, entendido como a maneira de ser do átomo (cf. PEIXOTO, 2010, p. 426). A maneira de ser do átomo, que foi traduzida como forma, distingue um átomo de outro átomo em seu movimento. A forma não diz respeito ao modo de manifestação dos arranjos atômicos na realidade, mas sim à forma estrutural de cada átomo, à particularidade. Portanto, a forma do átomo é responsável por distinguir um dos outros.

Rhusmos, portanto, é a forma aparente do átomo. O *rhusmos*, mesmo que não se refira à forma objetiva das coisas materiais, ao combinar-se com as demais diferenças dentro dos arranjos dos átomos, é fundamental para a diversidade fenomênica do real. Pois, como nos mostrou Aristóteles, as diferenças dos átomos e suas figuras são visíveis nos fenômenos físicos (cf. A, IV, 985 b 14-17).

Por conseguinte, a ordem e a posição são as diferenças extrínsecas ao átomo no sentido de ser o modo que átomo irá se relacionar com o outro átomo e demarcar as diferenças. Para exemplificar, podemos imaginar um átomo no formato de um triângulo e outro no formato de um quadrado. Triângulo e quadrado são as formas de cada átomo, é aquilo que os diferencia e é próprio de si. Ao se relacionarem, esses átomos travam contato recíproco. Se o átomo-triângulo encosta no átomo-quadrado com sua base, ele formará um corpo. Isso é o que chamamos de ordem. A posição é o modo que ambos os átomos, já entrelaçados, irão dispor-se no infinito, ou dentro de outros corpos, por meio do vazio.

O movimento presente na forma do átomo o submete às contínuas mudanças, seja na sua ordem, seja na sua posição no vazio. O movimento dos átomos nos espaços vazios origina os organismos e a diversidade das manifestações dos seres na natureza. Os átomos mudam e, dessa mudança, são gerados novos corpos.

É certo que há uma grande diversidade na realidade material, contudo, essa diversidade não é provinda de um caos, mas sim de uma ordem subjacente à natureza das coisas. A ordem subjacente à natureza das coisas é o próprio átomo e o vazio.

Quando os átomos se movimentam e agregam-se aos corpos simples, surgem os corpos compostos. Quando os átomos se movimentam, agregam-se ou desagregam-se dentro de corpos compostos, estes corpos são alterados e as mudanças são visíveis nesses corpos. As diferenças também são responsáveis pela particularidade e dinâmica de cada ser, pois ao se movimentarem, esses processos descrevem a natureza do átomo e seu movimento no vazio.

Os movimentos exercidos são cadeias múltiplas e se orientam à constituição dos corpos simples e compostos através de arranjos atômicos. Desses movimentos decorrem tanto a geração e a destruição, quanto a mudança das coisas existentes. Para Demócrito, nascimento (geração) e morte (destruição) são a junção e a separação de substâncias sólidas, isto é, átomos. Ambos os processos estão incluídos na ideia de natureza e vida (*bios*) (PEIXOTO, 2017, p.142). Portanto, na teoria atomista não é o par vida-morte que está em oposição, mas sim nascimento-morte.

Nascimento e morte fazem parte da estrutura natural do cosmos. Através da geração e corrupção há a transformação tanto do homem, quanto da natureza (cf. DK 68 B 33). Natureza para Demócrito são os átomos aspergidos em todas as direções (cf. DK 68 B 168). As transformações são as mudanças das configurações atômicas. Quando as conexões que configuram os átomos se movimentam e se transformam produz-se natureza e conserva-se a vida (*bios*). Isto significa que é próprio da natureza do átomo transformar-se, pois é próprio da realidade material manifestar-se em aparências contrárias e infinitamente variadas. Para Demócrito a verdade das coisas está situada nas próprias coisas ou em sua aparência. Contudo, o que pode se alterar são as nossas percepções da realidade, uma vez que estão condicionadas ao intermédio da sensação.

A sensação, como veremos, é uma das duas atividades da alma. Aqui se apresenta uma problemática importante na teoria atomista, impulsionada pela característica transitória do pensamento democritiano: como pensarmos o erro da ação humana numa estrutura marcada pelo mecanicismo atômico?

Ao refletir sobre as questões naturais, Demócrito é levado a refletir sobre o homem e, por conseguinte, as possibilidades do agir do homem, uma vez que o homem é parte constituinte da realidade cósmica, como um microcosmo. No fragmento DK 68 B 9 Demócrito afirma a relatividade das percepções humanas (sobre o doce e o amargo, o quente e o frio, por exemplo) e postula o átomo e o vazio como a realidade

propriamente dita, ou seja, como a verdade das coisas. Esse fragmento nos permite refletir sobre o erro na teoria de Demócrito. Contudo, como veremos, ao falar da sensação como atividade da alma, o filósofo de Abdera a submete à mecanicidade do movimento dos átomos. Uma vez que o movimento da alma é mecânico e presidido pela natureza movente dos átomos-alma, os fragmentos de Demócrito não nos permitem compreender como é feita a passagem de um movimento puramente mecânico dos átomos-alma para a atividade sensitiva e intelectual da alma como possibilidade de seu agir e entender da realidade.

Os fragmentos de Demócrito nos permite concluir que são os átomos e o vazio, enquanto princípios, que regem o modo de ser e a vida do real. Para conhecer as coisas não devemos nos ater somente às aparências, que são convenções, mas sim ir aos fundamentos últimos do real, por meio da inteligência (cf. DK 68 B 125).

CAPÍTULO II – A ALMA

A alma na tradição atomista se apresenta como uma rede complexa de transações responsáveis pela economia dos seres vivos e possui a atividade do sentir e do entender. Para Demócrito a alma é uma rede complexa de átomos lisos, redondos e ígneos, cuja forma (*rhusmos*) é esférica. Esses átomos encontram-se aspergidos no interior dos seres vivos e são os responsáveis pelo dinamismo presente entre a faculdade do sentir e do entender. Esse dinamismo é possível devido à capacidade automotriz de seus átomos que confere movimento próprio à alma, em relação ao corpo composto onde ela está aspergida (cf. PEIXOTO, 2012, p.222).

Logo, assim como os átomos que constituem o macrocosmo, os átomos-alma também são automotrizes e a capacidade de movimentarem a si mesmos confere animalidade à alma e aos corpos dotados de alma. Isto é, o movimento da alma nos corpos animados é um movimento natural e gera a economia dos seres vivos. O movimento da alma, portanto, não depende de influências exteriores, são os próprios átomos-alma os responsáveis pelo seu movimento. Contudo, apesar do exterior não ser condição de possibilidade do movimento dos átomos-alma, as afecções sensíveis provenientes do exterior também podem ocasionar movimento e, portanto, mudanças nos átomos-alma (cf. PEIXOTO, 2012, p.222). Para Demócrito, são as afecções sensíveis que geram as atividades do sentir e do entender (*didakhê*).

De algum modo, as afecções provindas do exterior movimentam a alma através das atividades do sentir e do inteligir resultam na felicidade, ou infelicidade do homem. Não há explicitamente, por exemplo, um elemento diferenciador entre a alma enquanto *bios* e a alma enquanto *nous* em Demócrito. Contudo, há fragmentos que nos indicam essa diferença e explicam como o filósofo de Abdera concebia a felicidade, a infelicidade, os bens e os males à atividade da alma:

É natural que o corpo tenha esta antiga acusação contra a alma a respeito das paixões. E Demócrito, imputando à alma a causa da infelicidade, diz: Se o corpo instaurasse um processo contra ela pelas dores que padeceu e pelos maus tratos que sofreu e se fosse eu o juiz da acusação, com prazer condenaria a alma, alegando que, de um lado, ela fez perecer o corpo por suas negligências e o exauriu com a embriaguez e, de outro, o destruiu e dilacerou com o amor do prazer, como se, estando um instrumento ou utensílio em mau estado, eu acusasse quem o emprega sem cuidado (DK 69 B 159).

A teoria atomista de Demócrito concebe a realidade através do movimento dos átomos no vazio. Para Demócrito toda a realidade se reduz ao fundamento último do átomo e do vazio. Logo, ao tratar das questões do pensamento e das percepções Demócrito também as descreve a partir desse movimento. Para o filósofo de Abdera “a percepção e o pensamento surgem quando entram imagens do exterior” (KIRK, 1990, 586) pelas pupilas. Os eflúvios das imagens chocam-se com a umidade das pupilas e são transpostos à alma, através da sua atividade do sentir. A percepção e o pensamento se formam, portanto, através do choque de uma imagem.

Teofrasto explica como a imagem surge ao pensamento:

“Demócrito explica a vista pela imagem visual, que ele descreve de uma maneira especial; a imagem visual não surge imediatamente na pupila, mas o ar entre o olho e o objeto é contraído e marcado pelo objeto visto e pelo observador; pois de todas as coisas há sempre uma espécie de eflúvios a sair. Por isso, este ar, que é sólido e de cores variegadas, aparece no olho que é úmido (?); o olho não admite a parte densa, mas a umidade passa através dele...” (KIRK, 1990, 587).

Sexto Empírico em *Contra os Matemáticos*, VII, 53, relata que “Demócrito diz que certas imagens se aproximam dos homens e que, destas, umas são benfazejas e

outras malfazejas. Por isso desejava encontrar imagens favoráveis” (DK 68 B 166). Nesse fragmento podemos exemplificar como as imagens provindas do exterior podem causar movimento à alma: o movimento não no sentido da alma enquanto gestora da vida biológica, mas movimento no sentido da qualidade da alma. A concepção qualitativa da alma foi atestada em um dos fragmentos conservados na obra de Estobeu, II, 7, 3i: “A felicidade é a alma e a infelicidade também” (DK 68 B 170).

O conhecimento para Demócrito é concebido pelo movimento mecânico que ocorre entre as sensações provindas do exterior e a atividade do inteligir. A sensação da realidade fenomênica perpassa os átomos do corpo composto do homem, por meio dos eflúvios provindos do exterior, até atingirem os átomos-alma.

Logo, os objetos do conhecimento intelectual são o átomo e o vazio “que penetra[m] para além das características secundárias convencionais até a realidade última” (KIRK, 1990, p.438). Essa espécie de juízo nos assegura da possibilidade de conhecer a realidade em certa medida. A descrição mecânica do movimento da alma gerador do conhecimento sublinha, novamente, o que já tratamos no final do capítulo sobre a ética: há uma insuficiência nos fragmentos conservados de Demócrito no que diz respeito à explicação da capacidade de inteligir do homem e, por conseguinte, a explicação sobre seu agir em meio à mecanicidade dos movimentos dos átomos.

A insuficiência dos fragmentos democritianos não excluem a grandiosidade de seu pensamento sobre as questões físicas e as questões sobre a alma humana. Tão pouco sobre a relevância de seus fragmentos éticos para o homem de seu tempo e para o homem contemporâneo. Os questionamentos que surgem a partir desses escritos sublinham a importância de Demócrito como filósofo de transição entre duas doutrinas gregas e a linha de ligação entre elas.

CAPÍTULO III – A ÉTICA

Vários são os fragmentos éticos encontrados nas obras de Demócrito e conservados pelos filósofos posteriores a ele. Esses fragmentos traduzem os problemas próprios do homem da cultura grega do século V a.c e nos mostram o posicionamento ético e, em alguns deles, político de Demócrito de Abdera.

Os estudos éticos de Demócrito podem ser encontrados nos fragmentos DK 68 Oa – Oc; 1 – 4. Nem todos os fragmentos desses estudos foram conservados. Neles continham estudos sobre o caráter do sábio, sobre o *Hades*, sobre a morte, sobre a coragem, a virtude e a felicidade.

O fragmento DK 68 Oa – Oc; 4, conservado por Clemente de Alexandria, Tapeçarias, II, 130 diz: “Pois o prazer e o desprazer são o limite (das coisas vantajosas e desvantajosas)”. Nesse fragmento já podemos observar reflexões sobre o que mais tarde Aristóteles denominaria como mediania: a justa medida entre a falta e o excesso.

O fragmento O fragmento DK 68 Oa – Oc; 2, conservado no Etimológico de Órion, p. 153, 5, diz que

“Tritogênia, Atena, segundo Demócrito, quer dizer sabedoria. Têm origem no saber estas três coisas: deliberar bem, falar sem erros e fazer o que é preciso. Escólios de Genebra, I, 111: Demócrito, porém, ao dar a etimologia da palavra (Tritogênia), diz que da sabedoria nascem: o calcular bem, o falar bem e o fazer o que é preciso”.

Através desse fragmento podemos observar a influência do movimento humanista-socrático no pensamento de Demócrito: ao afirmar o “deliberar bem” e “fazer o que for preciso” como originados na sabedoria, o filósofo de Abdera contribui para a reflexão ética de seu tempo, inserindo uma dimensão psicológica no agir do homem na sociedade.

Um fragmento importante para pensarmos a inserção da virtude na alma para Demócrito é o fragmento conservado por Estobeu que diz: “A felicidade não reside no gado ou no ouro; a alma é a mansão do gênio bom ou mal de cada um” (DK 68 B 170). Esse fragmento ilustra o comprometimento de Demócrito com o exercício do agir ético, pautado na busca pelo bem, ou pelo melhor. Esse agir (*práxis*) suscita também a preocupação antropológica com a unidade do homem, que deve ser conquistada à medida de seu agir.

O fragmento DK 68 B 169, conservado na obra de Estobeu (Estobeu, II, 1, 12), já citada no capítulo sobre a alma, diz: “A felicidade é a alma e a infelicidade também”. Esse fragmento também remete ao movimento de inserção da responsabilidade na alma, uma vez que o fim do agir é a felicidade e ela se encontra na alma, para Demócrito.

No fragmento DK 68 B 174 (Estobeu, II, 9, 3), Demócrito nos fala sobre a ideia de Justiça: “quem de boa vontade se lança a obras justas e lícitas, dia e noite está alegre, seguro e despreocupado; mas, quem não faz conta da justiça e não realiza o que é preciso, entedia-se com coisas tais, quando se lembra de algumas delas, sente medo e atormenta-se a si mesmo”. Nesse fragmento podemos ver a vinculação das ações boas e justas com o bom ânimo. Ainda sobre a justiça, Estobeu, II, 7, 31: “Fama de justiça é coragem e intrepidez de julgamento, mas o temor do infortúnio é limite da injustiça” (DK 68, B 215) e em *Estobeu, III, 9, 30*: “Só são amados dos deuses aqueles a quem é odioso cometer injustiças” (DK 68 B 217). Nesses fragmentos, além de uma concepção de justiça, podemos demonstrar que o abandono do princípio divino na formulação da física democritiana não implica na negação dos deuses: Demócrito ao abandonar o princípio divino abandona a ideia de destino (*moira*). O abandono da concepção de destino o faz refletir sobre a responsabilidade do homem sobre seus atos e de seu papel nos acontecimentos sociais.

No fragmento Estobeu, II, 9, 4, podemos notar o movimento de responsabilização do homem nos acontecimentos, através da capacidade deliberativa e intelectual:

Os deuses dão aos homens todos os bens, tanto antigamente quanto agora. Apenas as coisas quantas são más, prejudiciais e inúteis, os deuses não dão aos homens nem antigamente, nem agora, mas são eles próprios que as procuram por cegueira da mente e insensatez (DK 68 B 175).

O fragmento DK 68 B 187, também conservado por Estobeu (Estobeu, III, 1, 27), diz: “Para os homens é mais acertado dar valor à alma que ao corpo, pois, se a perfeição da alma corrige a maldade do corpo, a força do corpo, sem inteligência, em nada faz a alma melhor”. Esse fragmento é importante para pensarmos a ética de Demócrito, pois, nele está assinalada a interligação entre a atividade da alma (inteligir e sentir) com o corpo. Também fica assinalada a diferenciação que o filósofo faz entre corpo e alma.

A partir dele podemos pensar o problema da ligação entre os escritos éticos e os escritos físicos. Se a física de Demócrito postula o movimento mecânico dos átomos, sejam os átomos do cosmos, sejam os átomos do corpo, sejam os átomos da alma, qual seria o elemento que diferenciaria uns dos outros? Qual a possibilidade de pensar o erro

no sentido ético (o agir mal), se os movimentos são mecânicos? A essas perguntas não temos respostas. Contudo, não redargui-las não exclui a validade do pensamento ético de Demócrito que, como visto nos fragmentos citados acima, já estão tratando de assuntos que serão fundamentados na ciência do *ethos* por Platão e, posteriormente, por Aristóteles.

CONCLUSÃO: Ao longo do trabalho expusemos o vasto campo de pensamento de Demócrito passando pela sua física, sua psicologia, elementos de uma antropologia e sua ética. A vastidão de seu pensamento justifica o título de filósofo de transição, atribuído a ele em nossa introdução.

Ao afirmarmos Demócrito como filósofo de transição, o fizemos no sentido de atribuir a ele autoridade para tratar das questões humanas. Demócrito não abandona a concepção de mundo mecanicista e materialista, pois ele está pensando a realidade de acordo com os filósofos da *physis*. Mas ele também está vivenciando o movimento humanista socrático, o que o leva a refletir também sobre as questões humanas.

Portanto, mesmo Demócrito tendo postulado uma teoria física fundamentada numa *arché* primordial, sua reflexão acerca das questões do homem de seu tempo sofre influência da problemática ontológica, antropológica e ética de Sócrates. Os fragmentos éticos de Demócrito foram possíveis devido à presença do autor num ambiente humanista antropológico. Todos os fenômenos físicos são a manifestação da lógica estrutural atribuída por Demócrito ao macrocosmo e aos microcosmos. Sendo a lógica estrutural do macrocosmo e do microcosmos a mesma, isso nos levaria a questionar a possibilidade da liberdade humana. Certamente há mudanças no mundo como o conhecemos: árvores crescem e geram frutos, os astros se movimentam, organismos e corpos surgem e desaparece, o fogo se alastra, as águas dos rios e oceanos evaporam. Entretanto, todos esses eventos são determinados. O que nos levaria a conceber a possibilidade de ação singular do ser humano, dado a lógica de sua estrutura seguir a mesma lógica da estrutura do macrocosmo? O que confere ao ser humano a possibilidade de agir de modo autônomo e livre?

A concepção da alma democritiana se apresenta, então, em dois sentidos. O primeiro seria o sentido de alma enquanto gestora da vida biológica e, portanto, parte de todos os seres animados. O segundo seria a alma enquanto sede da faculdade do sentir e

do inteligir que capacitam o agir racional do homem e, portanto, livre. Contudo, como vimos no decorrer de nossa exposição, nos fragmentos de Demócrito, ou nos testemunhos, não há uma ligação direta, ou estruturada entre a psicologia e a ética. Ambas as doutrinas são baseadas no movimento mecanicista dos átomos no vazio e deles é gerada a realidade tal como a conhecemos.

Demócrito é um filósofo de transição, logo, sua reflexão está pautada em ambos os momentos anunciados na introdução: a reflexão sobre a *physis* e a reflexão humanista. Do ponto de vista da reflexão sobre a *physis* Demócrito desenvolve seu pensamento de modo estruturado e articulado. Contudo, é possível observarmos as insuficiências de sua teoria física quando a questionamos com seus fragmentos sobre a internalização da virtude na alma e sobre o agir do homem na sociedade.

Quando falamos da insuficiência dos fragmentos de Demócrito na justificação de seus escritos sobre a liberdade humana, não o fazemos no sentido de demonstrar a falha de Demócrito, mas no sentido de demonstrarmos a riqueza de seu pensamento, visto por muitos como um pensamento restrito às questões naturais da constituição da *physis*. O filósofo de Abdera está mergulhado nas reflexões de seu tempo e as transpõem em seu pensamento. É a transposição da influência pré-socrática, ainda tão viva em seu tempo, para justificar o surgimento e manutenção da realidade física, juntamente com a influência da reflexão acerca das questões do homem e de seu agir, próprias da doutrina socrática, que conferem à Demócrito o estatuto de filósofo de transição e proporciona o vasto campo de sua reflexão que nos propusemos a expor nesse trabalho.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

1. *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

1. CASERTANO, Giovanni. *I Presocratici*. Roma: Carocci editore. 2009.
2. GUTHIE, W. K. C.. *A history of greek philosophy: the presocratic tradition from Parmenides to Democritus*. Cambridge: The Cambridge University Press, V. 2, 1965.

3. Kirk, G. S.. *Os filósofos pré-socráticos*. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
4. Mondolfo, R. *Moralistas Griegos: La consciência moral, de Homero a Epicuro*. Buenos Aires: Ediciones Iman, 1941.
5. BORNHEIM, Gerd A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1983.
6. PEIXOTO, M. C. D. A natureza humana entre a necessidade e a liberdade. *Filosofia Unisinos*, v. 8, p. 33-40, 2007.
7. _____. Rhusmos e movimento dos átomos na física de Demócrito. *Kriterion (UFMG)*, v. 51/122, p. 413-428, 2010.
8. _____. A Emergência da Reflexão sobre a Responsabilidade Moral na Grécia Antiga: Homero e Demócrito. *Síntese*, Belo Horizonte - MG, v. 29, n.95, p. 301-322, 2002.
9. _____. L'activité de l'âme democritéenne: de la sensation et del'intellection. *Chora. Revue d'Etudes Anciennes et Médiévales*, Paris, v. 9-10, p. 217-242, 2012.
10. _____. *Physis et didachê chez Démocrite*. In: Giombini, S.; Marcacci, F. (Orgs.). *Il V Secolo. Studi di filosofia antica in onore di Livio Rossetti*. 1ed. Perugia: Aguaplano, v. 1, p. 83-100, 2010.